

# INTER-LEGERE

---

GASTON BACHELARD E JOSÉ AMÉRICO: UM JOGO LÚDICO DO  
FILOSOFAR  
Marly Bulcão

**GASTON BACHELARD E JOSÉ AMÉRICO: UM JOGO LÚDICO DO  
FILOSOFAR**

GASTON BACHELARD ET JOSÉ AMÉRICO: UN JEU LUDIQUE DU  
PHILOSOPHER

Marly Bulcão<sup>1</sup>

## RESUMO

O objetivo do texto é fazer uma aproximação entre José Américo Pessanha, pensador brasileiro que, em suas aulas e palestras, ensinava-nos, nas entrelinhas, uma filosofia própria, e Gaston Bachelard, filósofo francês de importância incontestável. Ambos, partindo de uma crítica à tradição, renovam as noções de razão e de imaginação. O desenvolvimento do trabalho vai tornar evidente que, para ambos, não tem sentido, nos dias de hoje, admitir-se a ideia de uma razão única, universal e atemporal. Exaltam, portanto, o caráter de historicidade da razão que, ao longo de seu progresso, se renova, se retifica, se refaz, estabelecendo verdades sempre novas. Por outro lado, a imaginação não pode ser compreendida como simulacro do real percebido, como queria a tradição, o que levaria a que esta fosse menosprezada diante da percepção e da ideia. A conclusão mostrará, por fim, que a proposta de uma nova noção de razão e de imaginação vai repercutir na concepção de cultura, mostrando, assim, a importância das reflexões de Bachelard e José Américo para a contemporaneidade.

**Palavras-chave:** Bachelard. José Américo. Razão. Imaginação.

---

<sup>1</sup> Professora do Programa de Pós-graduação em Filosofia da UERJ.

## RÉSUMÉ

L'objectif de ce texte est de faire un rapprochement entre José Américo Pessanha, un penseur brésilien qui, dans ses cours et conférences, nous enseignait implicitement sa propre philosophie, et Gaston Bachelard, philosophe français d'une importance incontestable. Tous les deux philosophes ont rénové les notions de raison et d'imagination à partir d'une critique de la tradition philosophique. Le corps de ce travail prend pour évident le fait que les qu'ils considèrent insensé d'admettre aujourd'hui l'idée d'une raison unique, universelle et atemporelle. Ils exaltent, donc, le caractère d'historicité de la raison qui, tout en progressant, se rénove et se refaçonne, établissant des vérités toujours nouvelles. D'un autre côté, l'imagination ne peut pas être comprise comme un simulacre du réel perçu, comme le voudrait la tradition, ce qui amènerait à ce qu'elle soit méprisée face à la perception et à l'idée. La conclusion montre que la proposition d'une nouvelle notion de raison et d'imagination va se répercuter dans la conception de la culture, montrant ainsi l'importance des réflexions de Bachelard et José Américo pour la contemporanéité.

**Mots-clés:** Bachelard. José Américo. Raison. Imagination.

O mundo contemporâneo é marcado por enfatizar o pluralismo, a multiplicidade, as diferenças, a ruptura e as discontinuidades, em substituição às diferentes formas de monismo que prevaleciam anteriormente. Nesse sentido, o papel que sempre coube à filosofia – que era o de desvelar por detrás da multiplicidade fenomênica a soberana unidade – passou a ser, para alguns pensadores, exatamente o contrário, ou seja, o de defender a impossibilidade de se instituir verdades definitivas e universais, dessacralizando, assim, a razão que antes se impunha como absoluta, passando a concebê-la como razão histórica, circunstancial e humana.

Foi, pois, com grande prazer que escolhi retomar, aqui, dois grandes pensadores contemporâneos que se tornam muito próximos, apesar de pertencerem a diferentes continentes. Estes pensadores se aliam na defesa de uma filosofia aberta, que milita pelo pluralismo, pela multiplicidade e pela historicidade, renegando todo e qualquer monismo

## INTER-LEGERE

---

GASTON BACHELARD E JOSÉ AMÉRICO: UM JOGO LÚDICO DO  
FILOSOFAR  
Marly Bulcão

e absolutismo. Trata-se, de um lado, de Gaston Bachelard, filósofo francês cuja importância é inegável, por defender uma nova forma de racionalismo e por exaltar a autonomia da imaginação sempre criadora. Como pesquisadora que me dedico há muitos anos e com grande entusiasmo à obra bachelardiana, gostaria de ressaltar a grande contribuição de Bachelard no sentido de renovar as ideias dominantes na epistemologia de sua época, as quais, segundo ele, eram inadequadas para expressar as revoluções ocorridas no saber científico do século XX; gostaria também de exaltar o fato de ele ter resgatado, na vertente poética, a autonomia da imagem e da imaginação, que deixam de ser analisadas em termos psico-gnoseológicos.

De outro lado, foi com enorme alegria que decidi retomar um grande pensador brasileiro, José Américo Pessanha, a fim de mostrar a proximidade de suas ideias com as de Bachelard, apesar de, como já disse, pertencerem a continentes apartados geograficamente. Tendo falecido em 1993, não deixou muitas publicações, pois preferia a exposição oral por ser mais viva que a escrita. Mas, suas ideias inovadoras podem ser sempre lembradas a partir dos vídeos de cursos brilhantes que ministrou em universidades, além do que foi dado para atores, diretores de teatro e pessoas ligadas à arte de modo geral. Através de alguns textos resultantes de palestras, que foram posteriormente publicados, pode-se constatar a profundidade e a originalidade de seu pensamento. José Américo, professor-filósofo, revelava, através de suas aulas e conferências, ideias inovadoras, despertando, naqueles que o ouviam, um novo olhar sobre o filosofar, exaltando que este, em lugar de ser um caminho que leva ao absoluto, constitui uma construção permanente e sempre inacabada.

Foi como professor que José Américo me introduziu no jogo lúdico do filosofar, quando, ainda bem jovem, ingressei na Faculdade Nacional de Filosofia (hoje UFRJ) para fazer o curso de graduação em Filosofia. Anos mais tarde, José Américo estava de novo ao meu lado, como orientador de minha tese de doutorado defendida na UFRJ, cujo título era *Razão: contemplação ou trabalho – Brunschvicg e Bachelard diante da ciência e da técnica contemporânea*. A perspectiva de José Américo de que a filosofia é filha do diálogo e não tem como pretensão alcançar a verdade absoluta e definitiva marcou muito minha formação acadêmica, e talvez tenha sido isso que me levou ao

## INTER-LEGERE

---

### GASTON BACHELARD E JOSÉ AMÉRICO: UM JOGO LÚDICO DO FILOSOFAR Marly Bulcão

encontro de Gaston Bachelard, filósofo da ruptura e da descontinuidade, para quem o saber verdadeiro é sempre circunstancial e histórico.

Aproximar José Américo de Gaston Bachelard não é algo inusitado, pois a obra bachelardiana sempre foi exaltada pelo primeiro em suas aulas e conferências. O pensamento deste professor-filósofo foi se constituindo sob a áurea de pensadores clássicos, como Platão, e também de contemporâneos, como Nietzsche, Bachelard, Ferdinand Gonseth e Chaim Perelman, que, renegando a tradição, militam por um pensamento aberto, no qual o diálogo se impõe como o instrumento mais adequado ao filosofar. Gostaria, portanto, de enfatizar que retomar esses dois grandes pensadores da França e do Brasil me traz enorme alegria, na medida em que estou convicta de que, através dos aspectos comuns inerentes aos pensamentos de Bachelard e de José Américo, é possível seguir um caminho de reflexão bastante inovador que pode nos levar a reformular o que a tradição compreendia por razão e por imaginação, levando-nos a repensar conceitos como os de educação e decultura.

Acredito que o primeiro aspecto a ressaltar é que Bachelard e José Américo têm em comum o fato de que suas vidas foram entrecortadas por instantes erupturas. Foram vidas ao mesmo tempo retalhadas e recomeçadas, o que vai marcar bastante o pensamento desses pensadores, levando-os a se lançarem contra a ideia de uma continuidade, uma continuidade tranquila e fácil que remeteria, em última instância, a uma atitude ociosa, na qual a ousadia que leva à criação deixa de ter lugar.

Cabe aqui contar, de forma breve, a vida de cada um desses filósofos, cujas reflexões são permeadas pelas noções de ruptura e de descontinuidade. Bachelard, após obter seu diploma de bacharelado, foi obrigado a trabalhar nos Correios pesando cartas, como ele mesmo nos diz em *La philosophie du non*. Preparou-se para o concurso de engenheiro dos telégrafos enquanto, ao mesmo tempo, se licenciava em Matemática. Mas a guerra de 1914 o impediu de exercer estas carreiras e somente em 1919 começou a lecionar Ciências e Filosofia no ensino secundário de sua cidade natal, Bar-sur-Aube, situada na região da Champagne francesa. Ao longo de sua vida sempre se dedicou à leitura da filosofia, o que o fez com que em 1922 fosse admitido como professor agregado desta disciplina, acabando por defender em 1927 duas teses no campo da Filosofia das Ciências: *Essai sur la connaissance approchée* e *Étude sur l'évolution*

## INTER-LEGERE

---

GASTON BACHELARD E JOSÉ AMÉRICO: UM JOGO LÚDICO DO  
FILOSOFAR  
Marly Bulcão

*d'un problème de physique*. Embora ironizando, algumas vezes, a filosofia em suas obras, estava se referindo àquela elaborada por seus contemporâneos, que não era adequada ao saber científico que estabelecia, segundo ele, novos princípios, a partir das revoluções instauradas na física e na química do século XX.

É preciso deixar isto bem claro, pois Bachelard dedicou-se à filosofia em profundidade, renovando-a, criando ideias originais, seguindo obstinadamente caminhos que a tradição rejeitava. Este filósofo champanhês foi um racionalista ardente, mas de um racionalismo inovador, que renega a razão universal, inserindo-a na historicidade e na descontinuidade. Embora fosse um racionalista que, de início, afirmava que a imagem era perniciosa à objetividade científica, foi, um dia, ao encontro dos poetas e com eles aprendeu o que é a verdadeira imaginação, exaltando os excessos noturnos dos devaneios criadores que elevam o espírito num voo ascensional de verticalidade. Daí sua obra se bifurcar em duas vertentes: de um lado, a epistemologia que revela um racionalismo rigoroso, mas, ao mesmo tempo, aberto; de outro, uma poética que enaltece a autonomia da imaginação criadora, renegando os fundamentos da tradição que aprisionavam a compreensão da imagem na teoria do conhecimento, na qual o privilégio era sempre dado à percepção e à ideia.

José Américo também trilhou um caminho pleno de rupturas, marcado por acontecimentos importantes e decisivos, que retratam os vinte anos de ditadura militar vividos por nosso país. Em 1955, José Américo tornou-se bacharel e licenciado em Filosofia pela Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil. Em função de ter sido um aluno excepcional, foi imediatamente convidado a ficar na universidade como professor. Assumiu, então, a cadeira de História da Filosofia, cujo catedrático era o Prof. Álvaro Vieira Pinto. Com o golpe militar em 1964, o país e a própria universidade viveram um período bastante conturbado. Assim, por ato do governo federal, o Prof. Vieira Pinto foi aposentado compulsoriamente da cátedra e exilado do país, deixando, assim, a disciplina História da Filosofia sem professor responsável. José Américo assumiu todas as aulas, embora, na ocasião, fosse apenas auxiliar de ensino. Por insistência de vários professores, foi aberto, no ano seguinte, um concurso para a disciplina.

## INTER-LEGERE

---

GASTON BACHELARD E JOSÉ AMÉRICO: UM JOGO LÚDICO DO  
FILOSOFAR  
Marly Bulcão

José Américo redigiu, então, em apenas um mês, a belíssima tese *Empédocles e a democracia* cuja defesa seria feita na própria instituição, o que permitiria que ele obtivesse o título de *notório saber*, indispensável para que pudesse disputar a cátedra. Mais uma vez, medidas políticas interromperam a ordem natural dos acontecimentos e, por decisão do governo federal, acabaram-se as cátedras, e a Faculdade Nacional de Filosofia foi dividida em institutos e departamentos, sendo José Américo integrado ao Departamento de Filosofia, na condição de professor regente de disciplina. Em 1969, mais uma vez, sua trajetória profissional foi atingida por acontecimentos inesperados. Incluído na lista de professores aposentados pelo AI-5, José Américo foi afastado do magistério oficial.

Ausente dos meios acadêmicos, não abandonou, entretanto, seus projetos culturais e de pesquisa filosófica. Convidado para ser diretor da editora Abril Cultural, contribuiu de modo significativo para a divulgação da cultura para o público menos privilegiado, que passou a ter acesso aos textos de filosofia, de economia e de arte em geral. A coleção *Os pensadores*, idealizada e organizada por José Américo e publicada pela editora Abril, é uma de suas conquistas importantes. Vendida nas bancas de jornal por um preço acessível, serviu como meio de divulgação de ideias às quais a maioria da população não tinha acesso anteriormente, pois eram privilégio apenas daqueles que pertenciam a uma posição econômica e social mais alta, e podiam adquirir os livros de filosofia, cujos preços eram exorbitantes. José Américo foi também coordenador do Núcleo de Editoração da Fundação Pró-Memória, onde procurou mostrar o verdadeiro sentido da memória, mostrando que “recuar ao passado pode ser um meio de viver melhor o futuro”<sup>2</sup>.

Em 1980, depois de onze anos ausente dos meios acadêmicos e universitários, José Américo foi chamado a reintegrar o Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em virtude da anistia concedida pelo governo. Quando voltou, foi reintegrado como professor assistente, o que o impedia de exercer atividades que exigiam o título de doutor, tais como orientação de teses. Convictos de sua grande capacidade intelectual, e reconhecendo que a situação de professor assistente não

---

<sup>2</sup> Anotações da aula do Prof. José Américo Pessanha ministrada em 1990.

## INTER-LEGERE

---

GASTON BACHELARD E JOSÉ AMÉRICO: UM JOGO LÚDICO DO  
FILOSOFAR  
Marly Bulcão

condizia com a de regente de cátedra que possuía quando deixou a universidade, eu mesma aliada a alguns professores do departamento elaboramos um memorial com o intuito de exigir que seu valor fosse reconhecido e encaminhamos à reitoria a solicitação de que lhe fosse concedido o título de *notório saber* – que correspondia ao de doutor –, o que foi concedido pelo reitor.

Ao assumir o cargo de professor adjunto, com todos os direitos dos demais professores que integravam a pós-graduação em Filosofia, José Américo se deparou com uma universidade dilacerada pelos anos de ditadura, na qual os jovens, sedentos pela liberdade de expressão, pediam-lhe que falasse em suas aulas sobre temas, os mais diversos. Em lugar das turmas pequenas a que estava acostumado, onde conhecia cada aluno pelo nome e era possível aprofundar as temáticas filosóficas, deparou-se com auditórios imensos, com alunos sentados até mesmo pelo chão, pois estavam entusiasmados pelo discurso de um professor que exaltava o pensamento aberto, que acolhia as diferenças e fazia das contradições um caminho para se chegar à verdade. Foram anos difíceis para esse professor, que encontrava uma universidade com turmas repletas, na qual a avaliação tornava-se um problema e na qual imperava a burocracia. Mesmo assim, José Américo conseguiu transmitir ideias fundamentais, mostrando aos estudantes que o filosofar era fundamentalmente um exercício de pensar, era um caminho para a renovação de ideias, uma via de formação e de aprendizado da liberdade.

Em 5 de maio de 1993, José Américo foi acometido de morte súbita, privando-nos de sua convivência enriquecedora e de seu ensinamento inestimável.

Aproximar esses dois grandes pensadores que nos ensinaram novas ideias, renegando aspectos predominantes na filosofia do século XX, é bastante gratificante, pois, em suas aulas, José Américo nos revelava a importância e originalidade de Bachelard, entremeando em sua fala reflexões que iam constituindo uma filosofia própria, apesar de serem pautadas em princípios de outros pensadores da História da Filosofia pelos quais tinha grande admiração.

Com o intuito de tornar mais clara minha exposição, vou retomar algumas noções que permeiam a filosofia desses pensadores, que, embora separados por dois continentes, defendem ideias bem semelhantes, na medida em que ambos renegam

## INTER-LEGERE

---

GASTON BACHELARD E JOSÉ AMÉRICO: UM JOGO LÚDICO DO  
FILOSOFAR  
Marly Bulcão

aspectos que marcavam a filosofia da tradição e, sendo assim, vão construindo um pensamento que traz em seu bojo um estímulo a uma nova atitude diante do filosofar.

Refletindo sobre as noções de razão e de imaginação, vamos encontrar aspectos comuns a Bachelard e José Américo, aspectos que, por si só, já são uma demonstração da importância desses pensadores no contexto da atualidade, e que, além disso, vão nos levar a repensar as concepções de educação e de cultura que são fundamentais para a constituição de uma filosofia aberta, o que constitui, a meu ver, a meta primordial de ambos os pensadores.

O projeto filosófico que predominou no racionalismo moderno e perdurou até nossos dias vai sofrer profundas críticas por parte de Bachelard e José Américo. Contemporâneo das revoluções científicas que abalaram o século XX com o surgimento das geometrias não euclidianas, da teoria da relatividade e da mecânica quântica, o propósito epistemológico do filósofo francês é mostrar a inadequação das filosofias das ciências de sua época que admitiam a noção de razão única, universal, atemporal e absoluta, que se mantinha como base do racionalismo moderno. Podemos encontrar no filósofo francês e no professor-filósofo brasileiro traços comuns, na medida em que ambos compactuam com a ideia de que o discurso da ciência e da verdade deve ser confinado ao contexto humano, e que a ambição de se alcançar a verdade absoluta e definitiva deve ser evitada. O conhecimento constitui, portanto, uma construção sempre inacabada e recomeçada; é resultado de um jogo através do qual as múltiplas perspectivas são harmoniosamente conjugadas com proporção e medida.

Criticando o racionalismo cartesiano, que traz em seu bojo o sonho de construção de verdades imutáveis e definitivas que seriam a base sólida da ciência, Bachelard desenvolve o que denomina de uma epistemologia não cartesiana, admitindo, portanto, uma nova concepção de razão e de racionalismo que será identificada, por ele, em diversas obras, como *surracionalismo*<sup>3</sup>. Em sua vertente epistemológica, defende a tese de que a razão é descontínua e seu progresso se faz através de rupturas com o saber anterior. Nesse sentido, a ciência é, para ele, obra humana, resultado de uma razão que se modifica e se refaz, de uma razão que se desenvolve sob o signo do pluralismo e da

---

<sup>3</sup> Cf. BACHELARD, 1972b.

## INTER-LEGERE

---

GASTON BACHELARD E JOSÉ AMÉRICO: UM JOGO LÚDICO DO  
FILOSOFAR  
Marly Bulcão

ruptura, de uma razão que é eminentemente humana, apenas humana, o que leva à conclusão de que é absurdo se pretender alcançar, através do saber científico, princípios universais e definitivos.

Na obra *Essai sur la connaissance approchée*<sup>4</sup>, Bachelard deixa claro que a ciência é sempre um conhecimento aproximado do real, e que o saber científico da atualidade constitui uma segunda ordem de aproximação, pois representa uma ruptura com a ciência do passado. Nesse sentido, a objetividade não é mais fundamentada sobre evidências e certezas anteriormente adquiridas. Segundo Bachelard, para se alcançar o conhecimento objetivo são necessárias lentas manobras, o que nos leva a concluir que a objetividade é, em última instância, um processo constante de objetivação, e, uma vez alcançada, não é definitiva, devendo ser reconquistada a cada momento histórico do processo de construção do saber.

Pode-se, então, concluir que, na epistemologia bachelardiana, a verdade está relacionada com a dimensão histórica e cultural do saber. O progresso da ciência é marcado por rupturas, pois a razão, sempre incompleta, não pode estagnar na tradição, tendo que se revitalizar através de um processo inesgotável de renovação permanente. Nesse sentido, a ciência é resultado de uma razão que, na luta consigo mesma, na retificação de seus princípios, na reconstrução de suas malhas, segue sua trajetória de progresso, impondo-se como razão histórica, circunstancial, humana, mas nem por isso menos verdadeira. Conforme afirma Bachelard,

A razão, felizmente incompleta já não pode adormecer na tradição, já não pode mais contar com a memória para recitar suas tautologias. Sem cessar, precisa provar e provar-se. Está em luta com os outros, porém principalmente com consigo mesma. Desta vez tem alguma garantia de ser incisiva e jovem.  
(BACHELARD, 1972a, p. 12)

José Américo, profundo admirador de Gaston Bachelard, ensinava-nos em suas aulas o gozo lúdico do filosofar. Procurava mostrar que a filosofia era, antes de tudo, exercício de pensar, era busca da verdade, de uma verdade acessível ao humano, *ao*

---

<sup>4</sup> Cf. BACHELARD, 1973.

## INTER-LEGERE

---

GASTON BACHELARD E JOSÉ AMÉRICO: UM JOGO LÚDICO DO  
FILOSOFAR  
Marly Bulcão

*apenas humano*, da verdade relacional e mutável que pode ser encontrada no plural e no disperso, da verdade que é alcançada através de construção gnoseológica artesanal, na qual os diferentes sentidos de razão encontram sua unidade, através de dialógica democratizadora. No ato de ensinar, José Américo deixava que suas próprias ideias brotassem e, fazendo do filosofar um jogo, aproximava a linguagem sibilina de Heráclito do logos platônico, ao mesmo tempo em que, das profundezas do pensamento contemporâneo de Bachelard, fazia emergir Empédocles, filósofo que na Antiguidade grega “democratiza e humaniza os fundamentos do verdadeiro conhecimento”<sup>5</sup>.

Seguindo Bachelard, José Américo exaltava o caráter de historicidade da razão a fim de mostrar que a verdade científica é filha do tempo e deve ser sempre renovada. Ao construir verdades sempre novas, a razão se desdiz, renegando seu passado, deixando entrever que o critério do verdadeiro é sempre o da atualidade. Em suas aulas, José Américo ensinava também que a verdade é a expressão da tensão entre os contrários, do jogo de razões e de racionalismos sempre regionais e setoriais. Mas isso não significa desacreditar na ciência, nem em seu progresso, mas sim inseri-la na história relacionando-a com o contexto em que foi constituída.

Com o intuito de corroborar sua ideia de que há relação entre razão e multiplicidade e entre razão e historicidade, José Américo retomava sempre outros pensadores que compartilhavam com Bachelard a ideia de um racionalismo aberto. Um deles, sempre exaltado pelo pensador brasileiro, era Chaim Perelman, filósofo belga que tinha como intuito primordial resgatar a argumentação e a retórica – negadas pela filosofia analítica –, mostrando que estas eram outras formas de racionalidade. Perelman inaugura o que denominou de Teoria da Argumentação e, juntamente com Bachelard, fundou a revista *Dialética*, que tinha como objetivo publicar textos que mostrassem que o modelo de razão universal e atemporal que foi sustentado por séculos é apenas um dos modelos, mas que há outros tipos de razão e de racionalidade que devem ser considerados como meios de conduzir à verdade.

Para Perelman, o modelo do racionalismo moderno que exalta a noção de razão universal, atemporal e definitiva fez com que a razão contemporânea se afastasse da

---

<sup>5</sup> Anotações de aulas do Prof. José Américo Pessanha ministradas em 1990.

## INTER-LEGERE

---

GASTON BACHELARD E JOSÉ AMÉRICO: UM JOGO LÚDICO DO  
FILOSOFAR  
Marly Bulcão

língua falada e da retórica a fim de restringir a racionalidade a um modelo específico que se sustenta na prova analítica e na demonstração de caráter matemático. Segundo o autor belga, a razão retórica já estava presente na Grécia Antiga. Era uma razão filha da cidade (*polis*), que se exprimia essencialmente através de discursos e argumentações, e se fundamentava no plausível e no provável. Perelman mostra que este modelo de razão foi sendo depreciado ao longo do tempo, principalmente pelo racionalismo moderno e por algumas correntes que o seguem e defendem a tese de que a razão deve ser restringida somente à prova analítica e demonstrativa. Há necessidade, portanto, segundo o pensador belga, de se abrir espaço para outras formas de racionalidade, concebidas no âmbito do verossímil, do plausível e do provável, a fim de se evitar considerar como não científicos campos do saber em que este modelo de razão argumentativa ainda tem lugar, tais como o campo das Ciências Humanas e do Direito.

José Américo, retomando pensadores que, como Bachelard e Perelman, criticando a tese da razão absoluta e definitiva, propõem outras formas de racionalidade, nas quais a razão se torna plural e histórica, chega a conclusões importantes. Mostra que a aceitação do monismo ou do pluralismo da razão está ligada a fatores culturais e políticos. Nesse sentido, a defesa da razão monológica está ligada à intolerância e à repressão em nome de verdades absolutas (racionais, religiosas, políticas etc.) Consta que a história vem demonstrar que as filosofias absolutistas, dedutivas e monológicas prosperam justamente em épocas nas quais há predominância da centralização do poder. Vejamos o que diz José Américo:

Já as filosofias regressivas, abertas, progressivas, dialógicas e pluralistas – como as de Bachelard e Goussier, em nosso século – são características de épocas de transformações profundas, de ruptura com a tradição, de instabilidade e crise, mas também de descentralização de poder político e de democratização. (PESSANHA, 1989, p. 242)

Como vimos, as alternativas de se optar pela razão monológica tem, segundo José Américo, relação direta com o autoritarismo político e com a violência. Mas, na conclusão do texto, o professor-filósofo acrescenta um alerta que nos faz pensar na necessidade de se aprofundar a questão. Pessanha afirma (1989, p. 246):

## INTER-LEGERE

---

GASTON BACHELARD E JOSÉ AMÉRICO: UM JOGO LÚDICO DO  
FILOSOFAR  
Marly Bulcão

é indispensável reconhecer que a instauração do verdadeiro pluralismo e da verdadeira democracia também não é fácil, antes permanece como horizonte ou utopia libertária, a estimular o prosseguimento de lutas pessoais, culturais, políticas. Pois há dialogias aparentes que são escamoteações de astuciosas monologias.

A obra de Bachelard, como já vimos, bifurca-se em duas vertentes: epistemologia e estética. É interessante ressaltar que a abordagem da imaginação e da imagem começa na vertente que tem como propósito analisar a ciência; e neste momento da trajetória bachelardiana do estudo da imaginação, a imagem é vista como algo pernicioso, pois impede a ciência de progredir objetivamente. Em *La formation de l'esprit scientifique*<sup>6</sup>, Bachelard deixa claro que a imagem é um obstáculo epistemológico, pois torna a ciência um campo minado, na medida em que constitui um impedimento para que o saber científico alcance a objetividade. Apontando, então, as imagens como obstáculo à racionalidade da ciência, lança seu “brado de guerra”, afirmando que “O espírito científico deve lutar incessantemente contra as imagens, as analogias, contra as metáforas” (BACHELARD, 1996, p. 12).

No ano de 1938, entretanto, dois fatos fazem com que o professor francês comece a reconhecer a força de sedução do imaginário. Bachelard publica *La psychanalyse du feu*, cuja proposta apresentada no início do livro é afastar as imagens do fogo, a fim de tornar seu estudo deste elemento mais objetivo; porém, no desenvolvimento da obra, o filósofo vai se deixando seduzir pelas imagens do fogo, e acaba por compreender que o processo imagético deve ser abordado por outra via que não a da racionalidade. Naquele mesmo ano, Bachelard aceita o convite do jovem poeta Jean Lescure para escrever um artigo sobre poesia. Com este artigo belíssimo intitulado *Instant poétique, instant methapsique* e que é um dos textos bachelardianos publicado na coletânea *Le droit de rever*, Bachelard, amante das artes, da poesia e da imaginação, começa seu itinerário pelo mundo encantado do devaneio e do sonho.

---

<sup>6</sup> BACHELARD, 1996.

## INTER-LEGERE

---

GASTON BACHELARD E JOSÉ AMÉRICO: UM JOGO LÚDICO DO  
FILOSOFAR  
Marly Bulcão

Outro aspecto que aproxima os dois pensadores é a inauguração de uma nova noção de imaginação. Para que se possa compreender melhor a noção bachelardiana, acredito ser pertinente tomar como ponto de partida a crítica de Bachelard à perspectiva da tradição, perspectiva esta de índole cartesiana, na qual a imaginação era considerada como fundamentalmente reprodutora, ou seja, a imaginação tinha por função formar imagens que se impunham como cópias do real anteriormente percebido. Esta forma de compreender a imaginação tinha grande predomínio no campo da psicologia do século XX. Nesse sentido, a faculdade de imaginar era considerada subalterna, não só em relação à percepção, como também em relação à ideia que era fundamento do saber verdadeiro. Se, de um lado, a percepção permitia apreender o objeto do conhecimento através dos sentidos, com toda a força impactante da presença deste, de outro lado, a inteligência conseguia revelar, através dos conceitos, a verdadeira faceta do real. Fica claro, nesta perspectiva de caráter psico-gnoseológico, adotada pela tradição, que a imaginação era sempre menosprezada e considerada, portanto, subalterna em relação à percepção e à ideia.

Bachelard inaugura uma perspectiva original ao procurar estudar a imagem a partir de um enfoque estético. Para ele, a imagem não deve ser apreendida como construção subjetiva sensório-intelectual nem como representação mental fantasmática, mas sim como acontecimento objetivo integrante de uma imagética, como evento de linguagem. Afirma:

A imaginação não é como sugere a etimologia, a faculdade de formar imagens da realidade; ela é a faculdade de formar imagens que ultrapassam a realidade, que cantam a realidade. (BACHELARD, 1942, p. 23)

Ao longo da trajetória poética do filósofo francês, novas características da noção de imaginação vão delineando melhor em que consiste o processo imagético. Em *L'eau et les rêves: essai sur l'imagination de la matière*, Bachelard distingue dois tipos de imaginação: *imaginação formal* e *imaginação material*.

Tal distinção traz, inerente a si mesma, uma característica que não pode faltar no ato de imaginar e que leva, conseqüentemente, ao aprofundamento da verdadeira noção

## INTER-LEGERE

---

GASTON BACHELARD E JOSÉ AMÉRICO: UM JOGO LÚDICO DO  
FILOSOFAR  
Marly Bulcão

bachelardiana de imaginação. A imaginação formal, fundamentada no olhar, é uma imaginação ociosa que resulta da contemplação passiva do mundo e é uma imaginação que tende para a abstração e para o formalismo, pois escamoteia a materialidade das coisas, fazendo com que o homem seja apenas um mero espectador do mundo, que se impõe àquele como simples espetáculo a ser contemplado.

A imaginação material, ao contrário, recupera o mundo como concretude e materialidade; resulta, pois, do enfrentamento do homem com a resistência material das coisas, é um convite à penetração, à ação transformadora e feliz do real. Nesse sentido, o mundo deixa de ser, para o homem, puro espetáculo, solicitando, por sua vez, a intervenção do homem-demiurgo. O homem artesão consegue, portanto, através da imaginação eminentemente material, tornar-se criador: deixa de ser um simples *voyeur*, passando a agir contra as forças materiais e a resistência das coisas, estimulando, assim, a função criadora na arte.

A crítica que Bachelard faz em *La terre et les rêveries de la volonté* à filosofia das imagens de Sartre serve de exemplo para melhor caracterizar em que consiste a *imaginação material* bachelardiana. Bachelard mostra que em *La nausé* Sartre apresenta o personagem Roquentin como um tipo psicológico que vai da ambivalência às contradições. O personagem atribui qualidades contraditórias às coisas porque ele mesmo está dividido por uma ambivalência que faz com que o nojo e a atração por certos objetos apareçam, no romance sartreano, materialmente invertidos. Ao mesmo tempo em que o personagem é descrito apanhando castanhas, papéis e trapos cheios de imundície, este demonstra repugnância ao tocar um cascalho que está sendo levado pelo mar. Um pequeno trecho da obra sartreana – citado por Bachelard em *La terre et la rêverie de la volonté* – serve para mostrar o sentimento de ambivalência que domina Roquentin, para quem a atração e o nojo atuam no mesmo nível da tentação suja. Diz o personagem:

Os objetos, a gente não deveria tocá-los, já que não vivem. A gente se serve deles: eles são úteis, nada mais. E a mim eles tocam, é insuportável. Tenho medo de entrar em contato com eles como se fossem animais vivos.

## INTER-LEGERE

---

### GASTON BACHELARD E JOSÉ AMÉRICO: UM JOGO LÚDICO DO FILOSOFAR Marly Bulcão

Agora estou vendo; lembro-me do que senti, outro dia, na praia, quando segurava aquele cascalho. Era uma espécie de enjoo adocicado. Como era desagradável! E aquilo vinha do cascalho, tenho certeza, passava do cascalho para minhas mãos. É, é isso, é isso mesmo: uma espécie de náusea nas mãos (SARTRE apud BACHELARD, 1947, p. 114).

Conforme mostra a crítica bachelardiana, o romance de Sartre expressa o distanciamento existente entre homem e mundo, através das vivências de Roquentin. A náusea na mão espelha uma psicologia da massa infeliz. Posicionar-se diante do mundo com asco, como se este fosse uma cola, um grude, algo repugnante, do qual devemos nos afastar é, para Bachelard, um absurdo que impede o processo imagético. Bachelard, o filósofo-demiurgo, vê o mundo como provocação que clama por ser trabalhado, o que estimula o formigamento de imagens sempre inovadoras.

Em *La poétique de l'espace*, Bachelard reforça a crítica de que o meio de se estudar a imagem não é o racionalismo e mostra que o verdadeiro método de apreensão da imaginação é o que denomina de *fenomenologia*, dando ao termo um sentido bem diferente daquele de Hursell. Considerando que, para Bachelard, a imagem tem a vida do instante, o que é importante lembrar, esta surge com toda força para, logo em seguida, morrer; logo, deve ser apreendida de imediato. A definição bachelardiana do método fenomenológico aparece em *A poética do espaço*, quando o autor emprega o termo pela primeira vez. Diz Bachelard: “fenomenologia é o estudo da imagem poética quando esta emerge na consciência como um produto direto do coração, da alma, do ser do homem surpreendido na sua atualidade” (BACHELARD, 1998, p. 2).

Mais adiante, na mesma obra, Bachelard afirma que o termo *fenomenologia* por ele utilizado ao longo da vertente poética tem o mesmo sentido dado pelo psiquiatra e fenomenólogo Eugène Minkovski, ou seja, como *repercussão*, uma repercussão que não é jamais memória do passado. Para se apreender fenomenologicamente uma imagem, é necessário, pois, vivenciar o que Bachelard denomina de *ressonância*, ou seja, sentir-se diante da imagem como se fosse seu próprio autor. Nesse sentido, através da fenomenologia, dá-se uma verdadeira revirada do ser, um processo de identificação tal que o leitor, seduzido pelo poema, sente-se como o próprio criador da imagem do poeta.

## INTER-LEGERE

---

GASTON BACHELARD E JOSÉ AMÉRICO: UM JOGO LÚDICO DO  
FILOSOFAR  
Marly Bulcão

Por outro lado, Bachelard apresenta, em *La poétique de l'espace*, uma crítica à tentativa da psicanálise de procurar compreender a imagem poética pela vida do poeta. Isto seria, diz o filósofo francês, como “explicar a flor pelo estreme”<sup>7</sup>, já que a imagem não tem antecedentes nem causa, e, para apreendê-la, é necessário vivenciá-la nela mesma, no momento em que emerge na consciência do poeta ou do leitor.

Devemos aceitar o convite que nos faz Bachelard para que vivamos as imagens nelas mesmas, em sua realidade imaginária, pois só assim vamos conseguir nos libertar da opressão dos objetos do mundo, do determinismo da memória, do psicologismo e do *ocularismo* que nos ofusca.

Dessa forma, através da imaginação bachelardiana, eminentemente material e ativa, podemos, então, lançar-nos no jogo dinâmico e inovador do imaginário, sentindo o gozo inebriante de dar vida e realidade ao irreal.

Ao relembrar as aulas e palestras de José Américo, ao assistir seus vídeos<sup>8</sup>, com os quais fui presenteada por sua família por ocasião de sua morte, torna-se evidente a proximidade de suas ideias com as de Gaston Bachelard. Alguns desses vídeos são reproduções de um curso dado por José Américo em São Paulo sobre o tema da imaginação. O público que assistiu ao curso era ligado ao teatro e ficou fascinado com a trajetória histórica traçada pelo pensador brasileiro, que, tendo como foco principal a noção de imaginação, fez uma viagem da Grécia Antiga até a atualidade, na qual analisa a noção bachelardiana de imaginação, enfatizando a originalidade da abordagem do filósofo francês. Ao longo do curso, faz uma análise brilhante dos quadros de Monet, retomando aspectos do processo imagético, nos quais se vê nitidamente a influência de Bachelard.

Para José Américo, a verdadeira imaginação é uma *imaginação imaginante*, ou seja, não pode ter a simples função de reprodução do mundo percebido, é uma imaginação fundamentalmente criadora e que instaura novas realidades. Exaltando a *imaginação imaginante*, o professor-filósofo mostra que a tradição desvalorizava o processo de imaginar ao considerar a imagem como mero simulacro sem vida da

---

<sup>7</sup> BACHELARD, 1998, p. 12.

<sup>8</sup> Estes vídeos podem ser encontrados na Biblioteca do IFCS/UFRJ, no acervo da Universidade, e estão disponíveis para consulta.

## INTER-LEGERE

---

GASTON BACHELARD E JOSÉ AMÉRICO: UM JOGO LÚDICO DO  
FILOSOFAR  
Marly Bulcão

percepção ou da ideia. Resgatando Bachelard, José Américo mostra que a imaginação não é uma faculdade meramente reprodutora do real e, portanto, subalterna em relação à percepção e ao intelecto, mas sim uma imaginação criadora.

José Américo, retomando a distinção bachelardiana entre *imaginação formal* e *imaginação material*, glorifica a mão feliz e sonhadora do artista, mostrando que, nas entrelinhas das obras bachelardianas, está presente uma crítica ao que denomina de *vício da ocularidade*. No prefácio da tradução do livro de Bachelard *Le droit de rêver*, escrito por José Américo Pessanha (1985), este faz uma bela apresentação da vertente poética do filósofo francês: explicita, então, em que consiste o *vício da ocularidade*, mostrando que a tradição filosófico-científica do Ocidente se fundamenta numa visão ocularista do universo, fazendo com que o pensar se torne uma simples extensão da ótica, no sentido de que a visão é sempre privilegiada em relação aos demais sentidos.

Conforme mostra José Américo, o próprio vocabulário utilizado no Ocidente revela a hegemonia da perspectiva ocularista, na medida em que o *vício da ocularidade* faz com que, no estudo da imaginação, esqueça-se sempre o seu aspecto eminentemente material, reduzindo-a a seu aspecto puramente formal. Mostra que a imaginação formal pode ter seu lugar no pensamento matemático de índole formalista, mas não se pode desprezar o caráter material da atividade imaginativa, sem o qual o mundo perde seu aspecto de concretude e a imagem perde sua vida, transformando-se num simples simulacro do objeto percebido.

É interessante ressaltar que José Américo, utilizando-se das noções bachelardianas de imagem e de imaginação, volta-se para algumas obras de arte, apresentando reflexões elucidativas do ponto de vista estético. Trata-se de uma abordagem bastante original e criativa do pensador brasileiro. Podemos citar, como exemplo, o texto de José Américo Pessanha (1988) intitulado *Bachelard e Monet: o olho e a mão*, que está no livro *O olhar*, coletânea de um ciclo de palestras e de reflexões que fez em diversos cursos sobre as tapeçarias do Museu de Cluny, publicada pela Editora Schwarcz.

A análise que José Américo fez das tapeçarias do *Musée de Cluny*, localizado no *Quartier Latin* em Paris, a partir das ideias bachelardianas sobre a noção de imaginação, é fascinante. Afirma que, de todo acervo do referido museu, o que se destaca mais para

## INTER-LEGERE

---

GASTON BACHELARD E JOSÉ AMÉRICO: UM JOGO LÚDICO DO  
FILOSOFAR  
Marly Bulcão

os visitantes é o conjunto das seis tapeçarias do final do século XV. Cada tapeçaria representa alegoricamente um dos cinco sentidos – a visão, o tato, o paladar, o olfato e a audição –, enquanto a sexta tem embaixo uma inscrição instigante: “À *mon désir*”. As figuras centrais das tapeçarias são uma dama e um unicórnio. Seduzido pelas tapeçarias, José Américo mergulha num devaneio “imprudente” e bem ilustrativo. Indaga:

O museu está localizado no curto caminho que separa da Sorbonne o apartamento da rue de la Montagne de Sainte Geneviève, onde o filósofo camponês morou em seu exílio “cidadino”. No caminho quantas vezes terá entrado no Musée de Cluny e contemplado as tapeçarias da Dama e do Unicórnio? Ele, que legitima filosoficamente o direito ao devaneio e afirma que “no reino do pensamento a imprudência é um método” nos incentiva a imaginá-lo diante da tapeçaria *A Visão* (PESSANHA, 1988, p. 151).

Nesta tapeçaria, vemos a dama que mostra ao unicórnio um espelho onde ele se vê. Aprisionados, portanto, num jogo de olhares, temos a dama, que vê um ser fantástico: o unicórnio, que, duplicado, se contempla a si mesmo. Mas José Américo, admirador de Bachelard, imagina que o filósofo teria pensado que, diante deste jogo ziguezagueante de olhares, esquece-se algo importante, que é o dever de se resgatar, por detrás da tapeçaria, a mão anônima do tapeceiro que sonhou ao tecer essa cena magnífica e enigmática.

Conforme nos mostra José Américo, a revalorização da *imaginação imaginante* e criadora deve vir associada à revalorização do corpo, que sempre foi desprestigiado pela tradição filosófica. Retomando Bachelard, destacava a distinção entre *imaginação formal* e *imaginação matéria*, fazendo-nos ver que a *imaginação formal* resulta de um distanciamento entre o mundo e o homem, e faz deste último um mero espectador do mundo-espetáculo. É uma imaginação desmaterializadora que sutaliza a matéria, reduzindo-a à figuração e a formas. A imaginação criadora, ao contrário, é profundamente material, impondo-se através de um corpo operante. Tem como meta primordial recuperar o mundo como provocação concreta e como resistência; resulta da intervenção do homem-demiurgo, artesão e obreiro. A imaginação criadora afronta a resistência do mundo num embate corpo a corpo, é jogo de forças humanas e naturais.

## INTER-LEGERE

---

GASTON BACHELARD E JOSÉ AMÉRICO: UM JOGO LÚDICO DO  
FILOSOFAR  
Marly Bulcão

Pode-se concluir que as ideias de Gaston Bachelard e José Américo são compatíveis com os princípios que vigoram no mundo atual, no qual vivemos sob o signo do pluralismo, da multiplicidade e da ruptura, pois o sonho místico-metafísico acalentado até o final da Idade Moderna de se alcançar, através da razão absoluta, a soberana unidade, foi irrevogavelmente abandonado. Hoje, tornou-se impossível instituir um ponto de vista imutável e definitivo sobre temas, seres ou eventos, assim como se tornou impossível estabelecer um referencial intemporal e estável, resultante de uma perspectiva humana indevidamente perenizada numa verdade única. Relembrando as perspectivas defendidas pelo pensador francês e pelo professor-filósofo brasileiro, chegamos à conclusão de que, no mundo contemporâneo, se dá a relativização de diversos absolutos: os teológicos, os científicos, os éticos, os filosóficos e os estéticos. Nesse sentido, a verdade passa a ser a expressão da tensão entre contrários, do jogo de razões e de racionalismos sempre regionais e setoriais.

Por outro lado, a noção de imaginação que emerge do pensamento de Bachelard e que vai ser exaltada nos discursos de José Américo não é, como defendia a tradição, uma faculdade meramente reprodutora e, por isso mesmo, subalterna à percepção e ao intelecto. É uma faculdade autônoma que cria um novo mundo, uma surrealidade.

As reflexões de Bachelard e José Américo nos conduzem a repensar a noção de cultura. Vivemos na atualidade um momento marcado pela ênfase dada às noções de diferença e de pluralidade, em oposição às formas de monismo que nos antecederam e que eram pautadas, principalmente, no racionalismo clássico que admitia que o trabalho da razão fosse justamente o de descobrir a unidade por detrás da unidade. Hoje, é necessário e fecundo se pensar a noção de *cultura como ruptura*. É importante insistir na diversidade das culturas, na multiplicidade de razões culturais que precisam ser consideradas enquanto diferentes. Deve-se, pois, refletir sobre um humano que é, hoje, multifacetado e distante dos padrões unitários e universais.

Neste texto, procurei vivenciar junto com o leitor o jogo lúdico entre a razão, a imaginação e, de certa forma, a cultura, numa tentativa de reunir o que a tradição separa a fim de colher os frutos de um pensar inovador que pretende fazer emergir, nas três instâncias acima referidas, a ousadia de instaurar o que pode parecer o irrazoável, o que

## INTER-LEGERE

---

GASTON BACHELARD E JOSÉ AMÉRICO: UM JOGO LÚDICO DO  
FILOSOFAR  
Marly Bulcão

foge às regras anteriormente instauradas, o que é novidade imagética, o que, enfim, negando parâmetros da tradição, deve ser a educação e a cultura. Acreditamos que o verdadeiro filosofar não é o do *homo sapiens*, mas sim o do *homo ludens*.

A leitura das obras de Bachelard e o ensinamento de José Américo ressoam sempre em mim, fazendo-me lembrar que o propósito primordial de ambos os pensadores era ressaltar o verdadeiro sentido do filosofar, mostrando que a filosofia se trata de um jogo lúdico, embora sério, que é, em última instância, exercício de reflexão cuja finalidade é caminhar em direção a novas ideias. Ambos nos alertam, portanto, com suas reflexões sobre o perigo de, navegando pelos mares de ideias, permanecermos no porto seguro da memória, no qual corremos o risco desermos aprisionados pela certeza e pelas verdades que se pretendem definitivas, e de não caminharmos em direção ao novo e à novidade.

Gostaria, pois, de terminar com duas citações desses pensadores que se dedicaram à crítica do pensamento monológico e absolutizante, e nos mostraram o verdadeiro sentido do filosofar cuja tarefa primordial é nos conscientizar de nossa condição eminentemente humana.

O alerta bachelardiano nos mostra que “os conhecimentos profundamente acumulados, pacientemente justapostos, avarezaamente conservados, são suspeitos. Trazem o mau signo da prudência, da constância, da lentidão” (BACHELARD, 1972, p. 11).

Ouçó, ainda hoje, o eco longínquo das palavras de José Américo que foram um dia proferidas em sala de aula, quando nos ensinava com convicção:

A sábia modéstia que confina o discurso da verdade nos limites intransponíveis do humano, apenas humano, não contradiz a ambição de se construir dessa forma uma obra de beleza, digna de ser apresentada aos deuses como homenagem. Pois, a verdade filha das múltiplas experiências conjugadas com proporção e medida é também uma obra de arte, um quadro

# INTER-LEGERE

---

GASTON BACHELARD E JOSÉ AMÉRICO: UM JOGO LÚDICO DO  
FILOSOFAR  
Marly Bulcão

votivo constituído por extraordinária riqueza de matizes e variedade de formas<sup>9</sup>.

---

<sup>9</sup> Anotações da aula do Prof. José Américo Pessanha ministrada em 1990.

# INTER-LEGERE

---

GASTON BACHELARD E JOSÉ AMÉRICO: UM JOGO LÚDICO DO  
FILOSOFAR  
Marly Bulcão

## REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **L'eau et les rêves**: essai sur l'imagination de la matière. Paris: José Corti, 1942.

\_\_\_\_\_. **La terre et les rêveries de la volonté**: essai sur les images de force. Paris: José Corti, 1957.

\_\_\_\_\_. **La poétique de la rêverie**. 6. ed. Paris: PUF, 1960.

\_\_\_\_\_. **Le droit de rêver**. Paris: PUF, 1970.

\_\_\_\_\_. **L'engagement rationaliste**. Paris: PUF, 1972a. (Coletânea póstuma de textos).

\_\_\_\_\_. Le surrationalisme. In: \_\_\_\_\_. **L'engagement rationaliste**. Paris: PUF, 1972b. p. 7.

\_\_\_\_\_. **Essai sur la connaissance approchée**. Paris: J. Vrin, 1973.

\_\_\_\_\_. **La philosophie du non** : essai d'une philosophie du nouvel esprit scientifique. Paris: PUF, 1994.

\_\_\_\_\_. **La formation de l'esprit scientifique**: contribution à une psychanalyse de la connaissance objective. Paris: J. Vrin, 1996.

\_\_\_\_\_. **La poétique de l'espace**. Paris: PUF, 1998.

PESSANHA, José Américo. Prefácio. In: BACHELARD, Gaston. **O direito de sonhar**. São Paulo: Difel, 1985. p. V-XXXI.

\_\_\_\_\_. Bachelard e Monet: o olho e a mão. In: NOVAES, Adauto (Org.). **O olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p. 149-165.

\_\_\_\_\_. A teoria da argumentação ou nova retórica. In: CARVALHO, Maria Cecília M. **Paradigmas filosóficos da atualidade**. São Paulo: Papirus, 1989. p. 221-247.